

**7. Encontro Nacional de História da Mídia  
Grupo Temático (GT) História da Mídia Impressa  
Professor José Ferreira Júnior (UFMA)**

**A Cultura das Letras na América Jesuítica: o papel dos livros na formação de uma sociedade midiática (1580-1780)**

**Ariane Carla PEREIRA**

Graduada em Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Estadual de Londrina  
Mestre em Letras, Universidade Estadual de Maringá  
Professora efetiva do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do  
Centro-Oeste (Unicentro), Paraná  
ariane\_carla@uol.com.br

**Márcio Ronaldo Santos FERNANDES**

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria  
Mestre em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná  
Professor efetivo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do  
Centro-Oeste (Unicentro), Paraná  
marciorf@globo.com

**Resumo**

O presente estudo constrói um panorama das publicações havidas no espaço da América Jesuítica entre 1580 e 1780, em especial dos livros mandados editar e imprimir por religiosos europeus e latinos no Novo Mundo, tendo índios guaranis como mão-de-obra e público-alvo simultaneamente. Em uma época em que este pedaço do continente (que hoje abarca Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai) era conhecido como os *confins da América*, a implantação de uma Cultura das Letras configura um caso único na civilização ocidental por aqueles tempos enquanto fenômeno midiático impresso, na medida em que, por exemplo, equipamentos tipográficos eram deslocados constantemente pelos povoados missionários, tornando seus mantenedores como uma espécie de correspondentes pré-jornalísticos. Em detrimento da oralidade, representantes da Companhia de Jesus fizeram da Mídia Impressa disponível naqueles séculos um instrumento eficaz de propagação de uma fé, ao lado de outros recursos como os editais das Coroas, os relatos militares e de viajantes civis e as *cartas anuais*, estes últimos extensos documentos produzidos regularmente por padres jesuítas destinados a informar ao Velho Mundo o andamento do ofício designado pela Santa Sé.

**Palavras-chave: mídia impressa; cultura das letras; livros na América Jesuítica**

**A domesticação do *gentio* e a circulação das informações**

Na metade do século 17, as Reduções Jesuíticas se encontravam nos confins da América. Grande parte do Novo Mundo estava mapeada e conhecida, mas apenas uma pequena parte, colonizada. Sobretudo no Sul do continente, a prestigiosa Companhia de Jesus havia sido encarregada décadas antes (a partir de 1580) de fazer a sua parte neste processo de ocupação do solo, estabelecendo colônias para a vida coletiva à base do trabalho dos índios guaranis, em uma faixa de terra que hoje abarca os Estados do Rio Grande do Sul e Paraná e partes de três nações vizinhas – Argentina, Uruguai e Paraguai.

Por aqueles tempos – 1650 -, enquanto a porção portuguesa da América era um buraco negro quanto às Letras, o lado espanhol do continente fervilhava – há décadas que livros circulavam ali, em paralelo às cartas da Coroa, aos relatos militares e de viajantes civis e aos próprios manuscritos do Clero.

Sob o argumento de também levar a doutrina cristã aos guaranis, tidos por pagãos, como uma suposta tarefa divina, sacerdotes, embalados pelas visões de Ignácio de Loyola (o fundador da Companhia), construíram um colosso coletivo que durou dois séculos (1580-1780) e ainda instiga a memória coletiva pela complexidade do que ali se protagonizou – das construções arquitetônicas às manifestações artísticas, passando pelo aspecto mais impressionante e objeto de estudo deste paper: a implantação do universo letrado em um grupo social que, na ótica europeia e para os padrões civilizatórios do Velho Mundo, era bárbaro demais, oral demais, atrasado demais, o que resultou na formação de um formidável circuito comunicacional, que se materializava em livros, enquanto aspecto unitário, e em bibliotecas, pelo lado coletivo.

Sobre acervos públicos, aliás, a historiadora paraguaia Josefina PLA (s/d), em texto produzido para a Biblioteca Virtual do Paraguai (s/d), mantida pela Presidência da República, indica que um levantamento de 1756 – ano final da Guerra Guaranítica (1754-1756), que resultou no começo da queda jesuítico-guarani - apontava a presença de 715 exemplares bibliográficos na Redução de São Borja; 714 em Loreto; 4.222 em Candelária, onde ficava a sede da administração superior das Missões espanholas, e assim por diante – cabe dizer que, à época, estas Reduções estavam dentro do território paraguaio. Sistemáticos, os jesuítas almejavam edificar de fato a referida rede de bibliotecas, como indica a pesquisadora:

Em fevereiro de 1745, dizia o padre Nüsdorffer, referindo-se aos povos guaranis: 'Quisera que em cada povoado houvesse um novo catálogo (atualizado) dos livros, pois muitas foram adicionados (nos últimos tempos). O catálogo deveria ser similar ao que produziu o padre franciscano Ricardo e com todas as demais advertências que ele pôs em sua obra. Serviria tal atualização para que, sabendo todos quantos livros há nas Reduções, seja possível recorrer às obras todo aquele que tivesse desejo de lê-las'. (PLA, s/d, s/p)

Este paper, portanto, está centrado no apontamento das estratégias lançadas pelos religiosos da Companhia de Jesus para tornar factível a suposta salvação das almas guaranis ou, na visão das Coroas ibéricas (Portugal e Espanha), a domesticação do 'gentio', como de costume eram chamados os nativos, de modo que, quando conveniente, servissem também os silvícolas para a intimidação dos inimigos, na defesa das fronteiras ou para contribuir no desenvolvimento da rudimentar economia que ali se estava instalando, tendo como eixos geográficos os rios Uruguai, Paraná e Paraguai, agora integrantes da chamada Bacia do

Prata.

Robert Darnton, em seu *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII* acerca do fluxo das informações na França pré-Revolução de 1789, pondera que:

Cada sociedade desenvolve seus próprios meios de buscar e reunir informação; suas maneiras de comunicar o que reúne, quer ela use ou não de conceitos como notícias ou meios, podem revelar muito sobre sua compreensão da própria experiência. (DARNTON, 2003, p.41)

Para dar conta dessa tentativa de produzir uma *compreensão própria* do universo indígena, padres católicos de diversas partes da Terra que cruzaram pela América Missioneira (termo decorrente das Missões, nome alternativo às Reduções, que servia para identificar as cerca de 60 cidades construídas por religiosos e nativos ao longo dos dois séculos de estudo em questão) operaram com a introdução do letramento de dois modos que se mesclavam o tempo todo – a cultura do manuscrito (dividida em ler e escrever, sobretudo) e as técnicas de impressão, derivadas da invenção do século 15 do alemão Johannes Gutenberg, os tipos móveis.

Eram os jesuítas parte de um grupo social que via no letramento uma forma eficiente de dominação do pensamento coletivo e a eles se somavam viajantes eruditos e os mandatários da Colônia, dentre outros. Registros da própria Companhia de Jesus, mantidos no Archivum Historicum Societatis Iesú (AHSI), em Roma, Itália, apontam que homens de fé italianos, catalãos, belgas, espanhóis, irlandeses e alemães circularam pelas Reduções em distintas épocas, além dos crioulos, ou seja, religiosos já nascidos em solo americano, tendo, muito provavelmente, em Antonio Ruyz de MONTROYA, um peruano, seu maior ícone, ele próprio mentor de vários livros, como *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*, escrito e mandado imprimir por ele, entre 1638 e 1640, em Madrid, Espanha, enquanto por lá esteve.

De seu turno, Quevedo (1993, p.8) sustenta que, para além de uma visão do espalhamento da fé católica, havia uma diretriz da Coroa espanhola de colonizar o máximo de território possível, contra eventuais invasores – nativos não catequizados, bandeirantes, encomienderos (civis espanhóis que aprisionavam e revendiam índios) e portugueses. Essa é uma das razões pelas quais, ao mesmo tempo em que se preocupavam em ensinar a leitura e a escrita (dentre outras habilidades), os jesuítas ordenavam aos índios a construção das reduções sob os moldes de uma fortaleza militar, com pontos de observação e locais de tiro.

Roger Chartier atesta que a imposição da escrita é uma via de mão dupla para aqueles por ela atingidos, na medida em que amplia os canais de mensagens:

Se as escritas expostas são um dos instrumentos utilizados pelos poderes e pelas elites para enunciar sua dominação – e conquistar adesão -, são também uma forma de os mais fracos manifestarem sua existência ou afirmarem seus protestos. (CHARTIER, 2002, p.81)

No primeiro caso da espécie de letramento, dos manuscritos, jesuítas costumavam produzir documentos que eram sistematicamente enviados às Coroas e aos superiores católicos na Espanha e na Itália (pela obediência devida ao Vaticano). Montoya, um dos

inacianos mais laboriosos, produziu o seguinte relato por volta de 1630:

Os índios que estão nestes rios estão escondidos, por medo dos espanhóis, e são muitos, formando uma população muito grande; os caciques têm saído pouco dali, com uns poucos índios, para ver-nos e que, se sentirem seguros, virão em maior quantidade. (E os índios costumam andar) sem camisa e sem sapatos, com as poucas roupas esfarrapadas, com mil remendos (MONTROYA in DOHMANN; AMABLE, 2002, p.45).

Quanto à catequização em si, Montoya diz que, sendo exequível ter mais sacerdotes que protejam os nativos dos flagelos de espanhóis e portugueses, “será possível reduzir (doutrinar) quase a todos, sendo feita aqui uma das mais abundantes e lúcidas ações da Cristandade nas Índias Ocidentais” (MONTROYA in DOHMANN; AMABLE, 2002, p.45). O historiador Maxime de Haubert (1990), aliás, considera o havido nas Reduções o maior dentre os feitos da Companhia de Jesus desde sua fundação, por volta de 1540, na Europa.

Por lúcida, bem entendido, queria se dizer a alfabetização básica de crianças, mulheres e homens adultos. Olinda Kostianovski recorda que

Se bem que a aprendizagem não era de caráter obrigatório, os filhos dos caciques, de assistentes dos caciques, dos guerreiros, dos artesãos, dos demais administradores da Redução e dos músicos assistiam classes todos os dias. A admissão na escola dos nativos se fazia desde os 7 anos de idade, com ensinamentos elementares, por certo, mas de enorme utilidade prática, com leituras em guarani e espanhol, além de conversação e interpretação de escrituras e aritmética (KOSTIANOVSKI, 1987, p.82).

E neste processo de alfabetização, para além do consumo do Evangelho, estavam incluídos simbolismos da fé cristã e a disponibilização de uma infra-estrutura clássica dos bancos escolares. Kostianovski continua:

A permanência de um menino na escola era geralmente de três horas pela manhã e três horas à tarde, admitindo-se a frequência de meninas, mas em separado. Temos notícias de que as classes estavam equipadas com uma mesa larga de madeira, com bancos largos próximos à mesa, e outros bancos dispostos em fila. Em frente aos bancos, estava um estandarte da Virgem, que era a protetora dos estudantes (KOSTIANOVSKI, 1987, p.86).

Hubert também apresenta detalhes deste cotidiano de crenças:

O dia começa às quatro horas, ou seja, cerca de uma hora antes de o Sol aparecer. O porteiro toca o sino para despertar os jesuítas, que se dirigem imediatamente para a igreja para uma hora de oração. Enquanto isso, os responsáveis pelas crianças percorrem as ruas ao som de tambores, gritando: 'Irmãos, o dia começa a raiar! (...) Acordem seus filhos e filhas para que eles venham orar a Deus e louvá-lo, ouvir a santa missa e ir em seguida ao trabalho' (...) Todas as crianças e adolescentes de sete anos até a idade de casar são reunidos pelos alcades e levados para diante da igreja.

(...) Duas crianças recitam as orações, repetidas em coro pelos companheiros” (HUBERT, 1990, p.256-7).

### **Sobre alguns livros produzidos**

À confecção contínua no século 17 de relatos manuscritos e, eventualmente livros (como os de Montoya), passou a se somar, a partir do século 18, a prática de produção de livros com catecismos e dicionários do idioma guarani, impressos que eram na Europa ou mesmo no território platino, em uma epopéia na qual as prensas eram importadas do Velho Mundo, desembocando no porto uruguaio de Montevidéu. Dali, no lombo de cavalos, eram transportadas por cerca de mil quilômetros até Ciudad Real de Guairá, nas atuais fronteiras do Paraguai com os Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, onde floresceu um dos povoados da lista de 40. Ou até a zona de Córdoba (hoje cidade argentina, antes vila paraguaia).

Em um impressionante processo de mudar de hábitos, de aculturação forçada, índios chegaram a legar à posteridade a autoria de livros, como o cacique Nicolas Yapuguay, mentor de *Explicación del Catechismo em Lengua Guaraní* (402 páginas) e *Sermones y exemplos em Lengva Guaraní*, tido por muitos como os primeiros livros rodados completamente por índios em uma máquina plana existente na América Missioneira, em 1724 e 1727, respectivamente. Josefina Pla, em texto na Biblioteca Virtual do Paraguai (s/d), aponta dado controverso a esse, na medida em que, em 1713, o padre Antonio Garriga teria editado *Instrucción practica para ordenar santamente la vida*.

A questão da primazia pela impressão local de um livro é anterior aos escritos de Yapuguay também para outros pesquisadores. Antonio Astrain, em *Jesuitas, guaraníes y encomenderos*, arguiu que havia obra local ainda antes daquilo produzido por Garriga:

O primeiro livro que produziu essa (outra, em relação ao equipamento de Yapuguay) máquina saiu em 1705. Era a *Diferencia entre lo temporal y eterno*, do padre Eusébio Nieremberg, traduzida para o guarani pelo padre José Serrano. Formava um tomo em folhas com letras capitulares gravadas e muitas ilustrações, imitando a edição de Amberes de 1684. Tais desenhos foram muito oportunas para meter nos olhos dos pobres índios as verdades de nossa fé (ASTRAIN, 1995, p.244-5).

Polêmicas de datas à parte, Serrano, o tradutor, não foi comedido ao adjetivar o que ali estava acontecendo: “Pois isso é uma obra do dedo de Deus, tanto mais admirável por sabermos que os instrumentos são uns pobres índios, novos na fé, e sem uma direção dos mestres (impressores) da Europa”, conforme transcreve Josefina Pla (s/d), em texto veiculado no portal da Biblioteca Virtual do Paraguai (BVP), mantido pela Presidência da República do Paraguai.

Pla recorda que a prensa que circulou pelas Reduções no primeiro quartel do século 18 originou, além de *Diferencia entre lo temporal y eterno*, títulos como *Martirologio romano* e *Flos Sanctorium*, igualmente transpassados ao guarani pelo padre Serrano, ambos de 1709, possivelmente.

O mesmo Astrain (1995, p.245) relata que as letras e lâminas de metal haviam sido fundidas pelos próprios índios guaranis, que rapidamente se transformaram em tipógrafos hábeis, em um processo de aprendizagem por imitação que se tornaria notório também na confecção de esculturas em madeira de santos católicos. E, em um ato que anteciparia em

quase três séculos uma prática comum nos jornais contemporâneos (que operam com exemplares impressos simultaneamente em vários locais), a obra teve edições originadas em vários pontos da América Missioneira.

Outra particularidade curiosa dessa impressora é de haver sido um tanto ambulante, pois alguns exemplares do livro *Diferencia* foram rodados em Santa Maria la Mayor, outros em Loreto, outros em San Francisco Javier (todas na fronteira atual de Argentina e Brasil, mais precisamente na província portenha de Misiones), enquanto que outros dizem *apenas impresso nas Reduções*.(...) Suspeito que todo mistério consistia em que o padre jesuíta que manejava esta máquina e que era diretor dos índios tipógrafos devia mudar sempre de povoado missioneiro, como sucedia sempre nas Reduções e, ao fazer tais mudanças, levava consigo seu artefato tecnológico, que, em mãos de outros, teria sido inútil (ASTRAIN, 1995, p.245).

Coincidentemente, as duas obras de Yapeguay foram impressas também em locais distintos, a primeira delas em Santa Maria la Mayor, a segunda em San Francisco Javier.

Antes da publicação de livros, entretanto, há de se ressaltar um esforço de quase sete décadas de vários inicianos para a instalação de uma prensa no Pampa missioneiro. Josefina Pla (s/d), no portal da Biblioteca Virtual do Paraguai, conta que, a partir da década de 1630, líderes em solo latino da Companhia reiteradamente solicitavam a seus superiores, na Europa, a disponibilização de um equipamento de impressão, como mencionado em uma ata de uma reunião de sacerdotes acontecida em 1633 em solo argentino.

Insistentemente, pede a congregação jesuíta que nosso superior conceda uma tipografia para imprimir várias obras em guarani sumamente necessárias. O padre Ferrusino mencionou que viajou a Roma levando um memorando para o diretor Vitelleschi, no qual figurava, com primeiro item, o pedido de uma prensa, para rodar (o livro) *Arte e vocabulário* e outras coisas na língua guarani do Paraguai. Pedem que se mande da França, Alemanha ou Flandres algum irmão jesuíta impressor. O superior prometeu fazer todo o possível e, quanto ao impressor, disse que fará o que se pede com muito gosto (PLA, s/d, s/p).

Ainda que tenha permanecido na esfera da promessa, a petição serviu de impulso para novos passos da cultura comunicacional que se desenvolveria na geografia pampeana. No final dos anos 1630, ilustra-se novamente, apareciam por ali exemplares de *Arte y vocabulário de la lengua Guaraní*, outra obra de Montoya, impresso em Madrid.

Mas, não obstante as práticas de letramento protagonizadas por nativos (levados, portanto, a abandonar aos poucos a cultura da oralidade) e eclesiastas (simbolizadas também em boa medida pelas cartas anuais, espécie de relatórios anuais remetidos aos superiores contendo balanços das ações nas Reduções), há de se considerar a pertinência de se destacar a produção literária (manuscrita ou em papel impresso) dos demais grupos sociais que perambulavam com regularidade pela América Missioneira de então – os representantes d'el Rey, portando as cédulas reais, que tentavam regular sempre mais o cotidiano dos povoados da Bacia do Rio da Prata (que abarcava os rios Uruguai, Paraguai e Paraná); os oficiais militares, a quem cabiam as funções de promover invasões para a

tomada/retomada de terras e propriedades, manter a paz e ocupar territórios pouco conhecidos; e viajantes de toda espécie, fossem andarilhos ou gente estudada, como botânicos, que repetidamente retornavam ao Velho Mundo deslumbrados com o que viam nos confins da América.

Eis mais uma ilustração que atesta esta cultura das letras que vinha sendo estruturada neste pedaço do continente: uma carta de 1705 de Esteban de Urizan y Arespachago, governador da Província argentina de Tucumán, atestando que os índios haviam sido fundamentais em uma ação diante de portugueses de Sacramento: “Para o devido cumprimento (de defender a Espanha), foi essencial para esse intento a solicitação de fazer baixar as tropas das Missões, que estão sob responsabilidade dos padres da Companhia de Jesus, entre os rios Paraná e Uruguai” (CASTELLS in: QUEVEDO, 1993, p.16).

### **Considerações (nada) finais**

Nos tempos que se seguiram à derrocada jesuíta, a partir de 1750, a produção de documentos não cessou. O militar José Custódio Sá e Freire, que comandou uma expedição apontada como a provocadora da Guerra Guaranítica (1754-1756 – já mencionada), foi cuidadoso em seu memorial de guerra, denominado *Diário da Expedição e Demarcação da América Meridional e das Campanhas das Missões do Rio Uruguai*. E este é só um dos exemplos.

Já no século 19, os viajantes europeus também seriam prodigiosos na produção documental. Nicolau Dreys, August de Saint-Hilaire, John Luccock e Jean-Baptiste Debret seriam alguns dos europeus a percorrer as terras antes missioneiras, deixando escritos preciosos. Antes disso, uma carta escrita por guaranis em 1768, na região de São Luiz Gonzaga (antiga redução), indicava o quão profundas haviam sido as marcas deixadas pela Companhia, tanto na sua doutrina (a ponto dos índios desejarem o seu retorno) quanto no fomento às Letras (já que o documento elaborado pelos caciques era expresso em guarani, que os padres, ainda no século anterior, tinham registrado no papel os seus fonemas). Eis um de seus mais interessantes trechos, cujo original foi enviado ao governador da Província de Buenos Aires Francisco Bucarelli:

Nós, a municipalidade (cabildo), e todos os caciques e índios, mulheres e crianças de S. Luís, rogamos a Deus que tenha em Sua santa guarda Vossa Excelência, que é nosso pai. (...) Cheios de confiança em Vossa Excelência vimos, com toda a humildade e de lágrimas nos olhos, suplicar que seja permitido aos filhos de Santo Inácio, aos padres da Companhia de Jesus, continuarem residindo entre nós e aqui permanecerem sempre. Pelo amor de Deus, suplicamos a Vossa Excelência que se digne pedir isso ao rei. Toda a nossa aldeia, homens, mulheres, crianças, e sobretudo os pobres, dirigem-vos esta súplica, os rostos banhados de lágrimas (ALVES FILHO, 1999, p.113).

A carta, portanto, pode ser interpretada como um resquício de um *sistema missioneiro de comunicação*. Vale comparar que, no mesmo período em que índios guaranis, através de uma dessas ferramentas do referido sistema (as cartas), tentavam retomar uma proposta um tanto utópica de vida social, o Brasil como um todo ainda se encontrava mergulhado na escuridão que a ausência da cultura letrada provoca. Laurentino

Gomes, em seu livro *1808*, indica bem tal visão, de atraso provocado pela Censura Real à formação de mídias, citando Roberto Pompeu de Toledo:

Devido à precariedade das comunicações com o interior da Colônia, a notícia da morte do rei D. João I, em 1777, levou três meses e meio para chegar a São Paulo. Duas décadas e meia mais tarde, a Província de São Pedro do Rio Grande (atual Estado do Rio Grande do Sul), demorou três meses e treze dias para saber que Portugal e Espanha estavam em guerra. Quando a notícia chegou, no dia 15 de janeiro de 1801, fazia nove dias que o confronto terminara, com a derrota de Portugal (GOMES, 2007, p.124).

Transportada apenas pelos precários canais reais (que incluía a transmissão oral de muitos acontecimentos), a notícia chegara tão atrasada que, mesmo findando o confronto na Europa, escaramuças aconteceram em solo gaúcho, com apressados militares portugueses tomando terras espanholas de Oeste a Sul da Província, invertendo o saldo final em relação à Europa, quando espanhóis, como dito na transcrição, acabaram vencedores.

Era, portanto, um cenário bastante distinto que havia no Brasil em relação ao quadro europeu (onde jornais pululavam desde 1610, pelo menos), exceção ao espaço platino. Mesmo a oralidade era um tanto diferente do esquema dos países do Norte do mundo. Darnton descreve características da oralidade européia, com a conseqüente formação de redes informacionais, ao contar sobre a *Árvore da Cracóvia* parisiense, em 1750, um lugar para onde “diplomatas estrangeiros supostamente enviavam agentes para colher notícias, ou plantá-las” (DARNTON, 2003, p.42), junto à *Árvore*. Continua o autor:

Havia vários outros centros nervosos de transmissão de 'rumores públicos' (bruits publics), como essa variedade de notícia era conhecida: bancos especiais nas Tulherias e no Jardim de Luxemburgo, pontos de oradores informais no Quai des Augustins e no Pont-Neuf, cafés conhecidos por sua convenção livre e bulevares onde novos comunicados eram vociferados por vendedores de *canards* (panfletos satíricos) ou cantados por tocadores de realejo. Para ter acesso às notícias, bastava postar-se nas ruas e manter os ouvidos atentos (DARNTON, 2003, p.42).

A seu modo, jesuítas missioneiros e índios guaranis tinham na praça central das Reduções a sua *Árvore da Cracóvia* e seus *canards* não eram irônicos, mas catecistas da fé e do idioma nativo. E boa parte do que ocorria naquele pedaço da Redução restou como legado às gerações posteriores, de modos diversos – peças artísticas, escritos de toda espécie, hábitos gastronômicos, letramento coletivo, edificações arquitetônicas, etc -, de maneira tão relevante a ponto de comporem parte do chamado Patrimônio Cultural da Humanidade, conforme a Unesco, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

## Referências

ALVES FILHO, Ivan. *Brasil, 500 anos em documentos*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999

ASTRAIN, Antonio. *Jesuítas, guaraníes y encomenderos*. Assunção: Cepag, 1995



ASSUNÇÃO, Fernando. *Historia del gaucho: el gaucho, ser y quehacer*. Buenos Aires: Claridad, 1999

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002

DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington – um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

DOHMANN, Karina; AMABLE, Maria Angélica. *Historia del Montoya*. Posadas: Isarm, 2002

GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Ediupf, 1998 / Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 1998

GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2007

HAUBERT, Maxime. *Índios e jesuítas no tempo das Missões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

KERN, Arno. *Utopias e missões jesuíticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994

KOSTIANOVSKI, Olinda Massare de. Manifestaciones culturales em las Reducciones Jesuíticas. In: Simpósio Nacional de Estudos Missionários, 7., 1987, Santa Rosa. *Anais:...* Santa Rosa: Centro de Estudos Missionários, 1987, p. 82-96

LEITE, Serafim. *Suma histórica da Companhia de Jesus: assistência de Portugal, 1549-1760*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965

MONTOYA, Antonio Ruyz de. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.

PLA, Josefina. *Obras completas*, disponível em: [www.bvp.org.py/biblio\\_htm/pla1/cultura\\_libro.htm](http://www.bvp.org.py/biblio_htm/pla1/cultura_libro.htm), acesso em agosto/2008

PINTO, Virgílio Noya. *Comunicação e cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 2000.

QUEVEDO, Júlio. *As Missões – crise e redefinição*. São Paulo: Ática, 1993  
\_\_\_\_\_. *As Missões jesuítico-guaranis*. In: BOEIRA, N.; GOLIN, T (orgs). *História geral do Rio Grande do Sul*, volume 1, Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 103-133

SIMON, Mário. *As Missões dos Sete Povos*. Santo Angelo: Talento, 2003.

SUESS, Paulo (org). *A conquista espiritual da América Espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992